

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Antônio Alexandre Piccinini

Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

Limeira/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

A indicação de Antônio Alexandre Piccinini foi de Paulo Cesar Pires da Silveira, seu antigo professor no curso de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos. O contato inicial entre pesquisadora e entrevistado se deu por telefone. Foi-lhe enviado, um roteiro com perguntas para a entrevista, com o intuito de avivar sua memória, em especial, as lembranças do curso técnico de DFD. Com o dia e o horário agendado, foi providenciada sua entrada na plataforma digital *Teams*, como convidado da Etec Trajano Camargo.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: plataforma digital *Teams*, equipe História Oral.

Data: 02 de julho de 2021

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 1 hora, 28 minutos e 18 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritor: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 25

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada para a coleta de dados para o projeto coletivo de pesquisa intitulado “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”. Antônio

Alexandre Piccinini fez o curso de Desenhista, Ferramentas e Dispositivos na Escola Trajano Camargo. Depois de alguns anos trabalhando em empresas decidiu montar a sua. Antônio Alexandre Piccinini morou na Fazenda Duas Barras e estudou as três primeiras séries do ensino fundamental na escola da fazenda e a 4ª. série no Tatu, distrito de Limeira. Em seguida, cursou da 5ª. a 8a. série na EEPG Prof. Antonio de Queiroz. Fez cursos no Senai de Limeira – ajustador mecânico, e de Campinas - ferramentaria. Iniciou a habilitação profissional parcial de mecânica – desenhista de ferramentas e dispositivos na EEPG Trajano Camargo, turno noturno, durante três anos. Nesse período, lembrado como “muito corrido, muito puxado”, estudou e trabalhou, concomitantemente. Nas empresas adquiriu habilidades, manteve contatos, que somados aos conhecimentos de desenho e mecânica permitiram-lhe abrir o seu negócio, de desenvolvimento de projetos mecânicos. Era um serviço inovador. Com o tempo, montou uma indústria para produzir os moldes das peças plásticas.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 12 de julho de 2021

Nome da transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (MAGB): Hoje é dia 02 de julho de 2021 e, felizmente, eu consegui uma entrevista com Antônio Alexandre Piccinini que fez DFD - Desenhista de Ferramentas e Dispositivos, na escola Trajano Camargo de Limeira. Eu agradeço muitíssimo, mesmo porque eu não conheço nada, nunca escrevi nada sobre esse curso. Já entramos em contato, falamos a respeito de papéis e das nossas conversas posteriores. E eu vou falando assim, inicialmente, para não esquecer no final, que eu fico muito empolgada, para não esquecer de agradecer muitíssimo, tá bom?

MAGB: Boa tarde, então Alexandre, muito obrigada por ter aceito o nosso convite, tá. Agora, a voz é sua. A primeira pergunta que eu tinha, porque eu já tenho seus dados, os nomes dos seus pais, eu queria saber a profissão dos seus pais.

Antônio Alexandre Piccinini (AAP): Bom é só para embasar isso um pouco, eu nasci na zona rural e meu pai é tratorista, ele era, foi tratorista, durante 63 anos, trabalhando na mesma empresa. Minha mãe é doméstica, tá. Meus pais são vivos ainda, graças a Deus. E quando era pequeno até os 12 anos eu morei na zona rural.

MAGB: Ô você pode dizer o bairro porque se eu tiver que colocar local de nascimento eu ponho Limeira mesmo?

AAP: Isso. Eu nasci aqui em Limeira. Sou natural de Limeira, meus pais também. Sobrenome Piccinini, italiano, né, minha mãe é Bosco, italiano, meu pai Piccinini. Eu nasci no bairro chamado Fazenda Duas Barras aqui em Limeira, bairro tradicional. Hoje em dia a fazenda não existe mais, só a sede da fazenda, mas tinha uma colônia rural. E pertencia à empresa que meu pai trabalhava.

MAGB: Se eu entendi direito seu pai foi cartunista?

AAP: Não, tratorista.

MAGB: Ah! Tratorista. E eu estou achando que está trabalhando numa empresa de papel.

AAP: Não, eu vou melhorar o áudio aqui porque eu também te peço desculpas porque eu falo um pouco baixo.

MAGB: É, não, eu grito.

AAP: Ah, ah. Eu sou baixo na altura e na voz, no tom de voz.

MAGB: Não, eu grito porque é a mania de professor.

AAP: É.

MAGB: É, né, então aí fica interessante, é bom a diversidade. Que escola, então você frequentou?

AAP: Eu frequentei, eu fiz o primeiro grau, né, até a oitava, parte eu fiz na zona rural mesmo, né. Essa Fazenda Duas Barras tinha até a terceira série, e eu estudei lá. Tinha escola, né, tinha uma colônia relativamente grande e tinha escola no local. Não existe mais também, assim como a colônia. Então, até a terceira série estudei lá. A quarta série eu fiz no bairro do Tatu porque não tinha quarta série na fazenda. A partir da quinta série, eu vim estudar no Antonio de Queiroz, da quinta a oitava série. Então, finalizei o 1o. grau no Antonio de Queiroz, Professor Antonio de Queiroz.

MAGB: Alexandre, naquele tempo era primeiro e segundo grau? Porque muda muito com o tempo, não era primário e ginásio não, né?

AAP: Chamava de primário, né. A idade faz esquecer um pouco. Eu me formei no Antonio de Queiroz, eu acredito, em 82, 81, 1981.

MAGB: Aí terminou a oitava série.

AAP: Oitava série. Não existia 2º grau nessa escola. Hoje é que tem 2º grau. Antes era até oitava série.

MAGB: Então, naquele tempo se chamava, a denominação era primeiro e segundo graus. Certo?

AAP: Eu acredito que seria ginásio e 1º grau, né, porque, eu acredito, que era essa denominação, né, porque o segundo grau já era o Trajano Camargo, né. Que me lembre era essa denominação. Acho que era ginásio ainda, viu Marlene.

MAGB: É, porque, às vezes, a denominação é diferente - escola estadual de primeiro grau, escola estadual de segundo grau, escola estadual de primeiro e segundo graus, entendeu?

AAP: Entendi, eu não sei a denominação.

MAGB: Eu vejo pelo nome, pela minha vida profissional, eu sou capaz de saber os nomes, tá bom?

AAP: Então, eu estou falando e estou consultando alguns documentos que eu tenho na mão aqui quem sabe eu não encontro isso aqui. Mas, na escola, na época, não havia 2o. grau. Até pode ser que a denominação já estava lá. Está vendo aqui? EEPG Professor Antônio de Queiroz.

MAGB: Não estou falando? EEPG é escola estadual de primeiro grau. Ela não tinha 2º grau, ela tem 2º grau faz tempo, mas lá era só 1º grau.

AAP: Isso, perfeitamente. Eu me formei lá em 1982.

MAGB: Então, quando você começou lá?

AAP: Eu comecei lá, eu fiz da quinta a oitava série, né, então vou falar, 79, 1979, quando aqui cheguei.

MAGB: Você terminou em 82?

AAP: Terminei em 82.

MAGB: Então é de 79 a 82, certo? E daí foi para o Trajano. E, nessas alturas, volta um pouquinho, então você fez a parte primária antes de 79. Com quantos anos entrou na escola?

AAP: Com quantos anos?

MAGB: Você fez na zona rural depois fez a quarta série.

AAP: A quarta série fiz no Bairro do Tatu. Em 79, eu sou de 68, 1968. Então, em 79, eu tinha 11 anos, né. Com 11, eu entrei no Antonio de Queiroz.

MAGB: Ah, tá.

AAP: E me formei aos 14, né. Na sequência, isso foi em 1982, e aí que eu fui fazer Senai, em 1983. Estou antecipando alguma coisa? Se eu estiver muito rápido, a senhora me corrige, por favor.

MAGB: As datas estão certas. 82 você terminou a oitava série, 83, fez o Senai aqui de Limeira. Do quê?

AAP: Eu fiz Ajustador Mecânico.

MAGB: Aqui em Limeira.

AAP: Aqui em Limeira.

MAGB: Como ele se chamava? Júlio Varga? Não. Como se chama a escola Senai?

AAP: Se chamava Júlio Varga. Começou a se chamar nessa época. Eu fiz ajustador mecânico no Senai.

MAGB: Quantos anos?

AAP: Dois anos, se não me engano, se não me falha a memória, foram dois anos.

MAGB: Começou em 83 foi até 84.

AAP: Isso. Em 84, eu me qualifiquei e consegui uma vaga para fazer Ferramentaria em Campinas que era um curso mais avançado em relação ao que eu fiz que era ajustador mecânico. Então, fui fazer Ferramentaria em Campinas. Também no Senai de Campinas, no Senai Roberto Mange, se não me engano. Isso eu posso checar. Então, eu fiz um ano e meio de Ferramentaria, né. Então, graças às minhas notas, aí, na época, eu era um aluno mediano, um aluno aplicado, vamos dizer assim, nunca fui excepcional, mas era um aluno esforçado, vamos dizer assim, então eu fiquei entre os dez e me qualifiquei para esse curso de Ferramentaria em Campinas. Fiz em 84, em um ano e meio, e parte de 85. Minha vida profissional começou ligada à área de, vamos dizer assim, da mecânica, engenharia, da mecânica. Então, em 1985, foi quando eu me formei também ferramenteiro pelo Senai de Campinas. E foi o ano que eu ingressei no Trajano Camargo. Eu estudava o dia todo em Campinas, voltava e, apenas para lembrar, que era meio puxado, né. Eu chegava às 6:30 de Campinas e não ia para casa, ia direto para a escola Trajano Camargo, Trajano de Barros Camargo.

MAGB: E você fez essa vida aí seis meses, no ano de 1985. Então, você começou em 85 no Trajano. No começo do ano?

AAP: Isso, no começo do ano.

MAGB: É que eu estou falando porque hoje em dia tem curso que começa no meio do ano, né. Então, naquela época eu não sei.

AAP: Salvo a memória falha, eu comecei, fiquei seis meses estudando em Campinas e indo direto para a escola. Eu fazia duas escolas, concomitantemente. [inaudível] na escola Trajano de Barros Camargo.

MAGB: Não tem de Barros viu, é só Trajano Camargo.

AAP: Ah, é? [risos] Trajano Camargo está certo. A gente acostuma. Como a cidade tem, tudo que tem aqui é Trajano Camargo.

MAGB: É isso aí. Escute, você fez algum exame para entrar no Trajano? O vestibulino?

AAP: Isso, o vestibulino era tradicional. Fiz vestibulino sim.

MAGB: E você não lembra que matérias?

AAP: Repete, por favor, Marlene.

MAGB: Você lembra quais matérias?

AAP: Olha, não me recordo bem mas eu acredito que sejam as matérias básicas, né: Matemática, Português. Era bem concorrida, na época, a escola, né. Na cidade as opções eram o Trajano e o Cotil, né, escola da Unicamp, colégio técnico da Unicamp. Mas bom, o

técnico da Unicamp, se não me engano, na época, era só diurno e não tinha esse curso que eu queria. Não lembro se eles não tinham o curso que eu queria ou se não tinha nenhum curso à noite. E eu precisava trabalhar. Tinha acabado, já tinha estudado, nessa época já tinha idade para trabalhar, então precisava estudar à noite. Então, além da escola

MAGB: Ô Alexandre, deixa eu pedir agora um negocinho, abaixa um pouco sua tela que eu estou vendo mais a porta do que você.

MAGB: Isso. Agora boa. E depois você vai tirar uma fotinho aí que eu preciso uma foto 3x4 mais ou menos assim, viu? Se tivesse ao vivo - agora cortou o topete. Acerta aí. Isso, aí está ótimo. Então, ó eu entendi, quer dizer, você em 1985 estava no Senai em Campinas e começou o Trajano, entrou no Trajano, fez vestibulinho. Ok. No segundo semestre tinha acabado Campinas, mas aí você continua trabalhando? Então o curso no Trajano era noturno.

AAP: O Trajano era noturno. Aí a partir do segundo semestre, eu vim trabalhar numa empresa aqui da cidade eu já trabalhava o dia todo...

MAGB: Você lembra a empresa?

AAP: Lembro, lembro.

MAGB: Como que ela chama?

AAP: Auto Peças GF.

AAP: Na época, ela era em frente ao atual Covabra, aquele supermercado que tem na Avenida Campinas, de frente inclusive das ruínas de parte da empresa, que ali antes da Pitler, foi a Machina S. Paulo, tradicional de Limeira. Ficava ali no final da Avenida Campinas, começo da Av. Dr. Trajano.

MAGB: Assim no sentido você indo, hã, não, aí seria na contramão da avenida Campinas, seria do lado direito, na frente da Machina S. Paulo.

AAP: Isso, hã hã. Ali tinha algumas empresas, tinha uma empresa tradicional que chamava Máquinas Pitler. Era a mesma entrada, é uma empresa alemã, que se mudou e hoje é

MAGB: Pitler!

AAP: Pitler. Pitler.

MAGB: Bem, eu sei, eu sei.

AA: Essa empresa hoje fechou em Limeira, mas está em Salto, próximo à Indaiatuba. E ela era uma subsidiária da Petra. As empresas se fundiram, se juntaram e ela existe lá ainda, tá. Era uma fábrica de máquinas muito tradicional ao lado da Auto Peças GF, a empresa que eu trabalhava. Eu falo isso porque era a mesma entrada ali no final da Avenida Campinas, era a entrada para as duas empresas.

MAGB: OK. Então, daí você continua no Trajano e trabalhando aí na empresa. Até o final do curso do Trajano você continuou nessa empresa?

AAP: Até mais. Eu trabalhei até quando estava na faculdade.

MAGB: Mas em quantos anos então? Alexandre, ó está sem som aí.

AAP: Está sem som?

MAGB: Não, agora voltou. Sabe por que estou perguntando? Eu tenho que fazer uma minibiografia sua. E depois eu mando o material, se não estiver certo, você tem que corrigir, e mandar de volta. Você disse que a Pitler é em Salto? Ou não? Eu escutei errado?

AAP: Isso. Não é a empresa que eu trabalhava, certo.

MAGB: Eu entendi, é que eu achei que não existisse mais a Pitler, porque aqui ela não ficou tanto tempo assim.

AAP: Então, ela ficou é. Nessa época, a gente era mais novo, parece que o tempo demora a passar, né?

MAGB: Hã, é verdade.

AAP: Hã, então para mim era bastante tempo.

MAGB: Então, agora você vai contar para mim o que foi esse curso aí, aquelas perguntinhas que eu ia fazer para você.

AAP: Opa! O quê precisa saber? Vamos lá.

MAGB: Então, nós já vimos, o curso foi noturno. Três anos?

AAP: Acho que foi dois anos e meio, se não me engano, porque me formei em meados de ... deixa eu pegar aqui porque tenho uma memória um pouco falha, você já deve ter percebido, né.

MAGB: Não. Para data sou aguçada porque sou professora de História.

AAP: Eu estou com meu diploma em mãos, está datado de 18 de setembro de 1987.

MAGB: Não, são três anos, bem, são três anos.

AAP: Só estou tentando entender, porque está 18 de setembro de 1987 aqui no meu diploma.

MAGB: Eu explico para você. Essas coisas eu posso saber melhor a hora que eu pegar seu prontuário. Então, como eu disse pra você, eu não sei a organização do curso como era. Você começou ...

AAP: Ah. Tá aqui. Eu cometi um ato falho aqui ó. Porque é a data que eu peguei o diploma. Na verdade, eu conclui o curso, em dezembro de 1985. E eu comecei em 84. Vai dar certo aqui ó.

MAGB: Então foram três anos ou dois?

AAP: Não, não, foram..., não lembro se foram dois anos e meio ou três anos, porque não foram dois anos.

MAGB: A data de início está certa? 1985?

AAP: Boa pergunta.

MAGB: Você disse que ... Vou voltar com você, que você se qualificou em 1984 para ferramentaria em Campinas, que você foi um ano e meio. Então, foi até metade de 1985, que em 85 você começou no Trajano.

AAP: Então, mas é isso que estou vendo aqui Marlene. Eu fiz concomitantemente, isso eu me lembro, porque era corrido o negócio né. Mas eu só entrei em meados de 84 porque, de repente fiz um ano essa correria de trabalhar.

MAGB: Então, se formou quando?

AAP: Eu me formei em 15 de dezembro de 1986.

MAGB: 15 de dezembro de 1986. Eu poderia ajudar você. Por isso quando eu falei que eu não sei nada sobre esse curso aí, quando você falou que tem habilitação parcial, eu não sei se a habilitação parcial era dois anos. Você entendeu? E então, você tinha necessidade de estágio para ter o título de técnico?

AAP: Olha, eu já trabalhava na área, né, e eu não me recordo se eu usei a minha própria experiência profissional pra fazer esse estágio aí. Eu acredito que sim. Já faz algum tempo. Como eu trabalhava na área já, eu acredito que com o meu próprio trabalho, eu acabei justificando essas horas. Então, acho que é isso mesmo, Marlene.

MAGB: Não, eu acho que está certo. Aí você comprova que você está na área, aí você não precisa fazer estágio. É assim que funciona.

AAP: Então, vou tentar falar um pouco do curso. Eu e mais alguns amigos né, a gente era bem avançado nessa parte da finalidade do curso porque a gente já tinha conhecimento. Tirava de letra né, vamos dizer assim. Como já trabalhava, já tinha feito o próprio Senai, o Senai em Campinas, as aulas voltadas tanto na aula de Mecânica, como de Máquinas, como na aula de Desenho, né, eu me dava muito bem. Eu, e meus amigos, até ajudava alguns companheiros que vieram direto aqui, não tiveram um ensino técnico nenhum, nenhuma opção técnica autorizada.

MAGB: A sua classe era grande? Quantos alunos tinha?

AAP: Olha, não era muito grande não, tá. Eu acredito que deveria ter por volta de uns 30 alunos, né? As classes, faz muito tempo que eu não entro na escola, né, eu acredito, que a composição física das classes não tenha alterado, porque o prédio é antigo, né, Marlene.

MAGB: Era lá no fundo a oficina?

AAP: Era lá no fundo. A oficina era pequena, a gente dividia até a turma e tal. As aulas teóricas eram aqui na parte da frente, na parte superior como tem as classes até hoje, inclusive...

MAGB: Agora fale uma coisa, quais oficinas? Que oficinas você usava lá?

AAP: A gente usava - ao lado da quadra tinha a oficina de mecânica, tinha oficina também, uma pequena marcenaria no subsolo, na parte de trás também, né, então tinha alguma coisa, tinha alguma aula nessa marcenaria, também não era mecânica, mas tinha alguns conceitos e algumas máquinas que a gente usava na marcenaria. E tinha aula de desenho também né, nessas salas.

MAGB: Já tinha as pranchetas?

AAP: Já tinha as pranchetas. No fundo, lá no final da quadra, ao lado da quadra, tinha classe, tinha Laboratório de Metalurgia, é um curso bem tradicional na escola, tinha um laboratório lá.

MAGB: Você ia no laboratório e metalurgia?

AAP: Desculpa, repete.

MAGB: Vocês iam, frequentavam esse laboratório de metalurgia?

AAP: Bem, não especificamente, por causa do curso. Mas, às vezes, para alguns ensaios referentes à aula de Resistência dos materiais, que a gente tinha com o professor Paulo Cesar. Mas o curso era mais voltado para usinagem, para usar as máquinas na escolar. Não tinha muitas, mas tinha, e as pranchetas, né, curso de desenho.

MAGB: Oi explica para mim o que é o conceito de usinagem. É fazer a peça?

AAP: Fazer a peça, né. O curso em si Desenho, pra você projetar uma peça, desenhar uma peça, você tem que ter as noções também de como ela é confeccionada, né, como ela é usinada. São as máquinas que removem material, a torno, a fresa, a fresadora, máquinas que até hoje são usadas, né.

MAGB: Ó Alexandre como eu disse pra você, como é algo novo para mim, e eu sei de alguma coisa da mecânica, de metalurgia, já escrevi um pouco a respeito desses cursos e o seu não sei, eu nunca fiz nada, então, eu entendo que vocês iam na oficina da mecânica, mas que não era uma oficina pequena, sempre foi grande, não é? O espaço.

AAP: O espaço sim, mas não tinham muitas máquinas, tá.

MAGB: Ah, sim então é a questão de máquina.

AAP: É, do tamanho da turma tinha, se não me engano, até a própria Unicamp, o Cotil, o colégio técnico, usava as dependências da escola, aos sábados, para fazer aulas práticas de Camargo, para dar a parte técnica dos alunos.

MAGB: Tá, tanto quanto eles iam no Senai, também.

AAP: No Senai, eu não sei.

MAGB: Não, eles iam também.

AAP: Mas, no Trajano eles usavam as dependências da escola. A oficina era bem montada.

MAGB: Então você tinha metalurgia, que de vez em quando você frequentava, mecânica, desenho. Agora, só um esclarecimento porque tenho bancada, no meu centro de memória, de marceneiro, mas, ninguém soube me dizer o que significa essa marcenaria. É o Edson Lusvarghi que dava aula para você?

AAP: Olha, eu não lembro o nome do novo professor, peço desculpa, né porque minha memória...

MAGB: Mas você lembra do Paulo.

AAP: Do Paulo, dos professores que eram mais voltados, né. Essa marcenaria, eu lembro era no porão, no subsolo da escola, próxima ao portão lateral, deve ter esse espaço até hoje. Penso que a marcenaria não exista mais.

MAGB: É, não existe.

AAP: Então ela ficava, bem, bem, como se fala, bem escondida, né.

MAGB: Mas é voltada para a Alferes Franco ou Santa Cruz? Alferes Franco sobe, Santa Cruz desce.

AAP: É a que desce, desce, ela ficava à direita daquele portão lateral.

MAGB: Tá. Não, é porque hoje em dia tem dois portões, Alferes Franco é mais para mercadoria e Santa Cruz é aluno. Entendeu?

AAP: A rua que desce do cemitério.

MAGB: Santa Cruz. Então eu entendi direito. Agora então agora você vai me falar dos professores que você lembra, nome dos professores e se teve algum mais marcante e quais as habilidades você acha que precisava para fazer esse curso e se tinha mulher.

MAGB: Vai... professor.

AAP: Na minha época não existia ainda, não existia mulher, nesse ano. Na sequência, eu me lembro que eu estava estudando ainda na escola e já tinha mulheres nas turmas novas. Na minha turma não tinha não. Só tinha homens, por volta de 30 alunos. Os professores que a gente tem contato até hoje, o professor Paulão, né, se fala Paulão até hoje, né, e o prof. Zezinho, né. Eram os que a gente tinha mais contato, que eram ligados bastante à parte técnica. Tinha o professor de mecânica, que eu não me recordo o nome, mas que era bem [inaudível] na escola.

MAGB: Mikami?

AAP: Isso. Tá vendo?

MAGB: Celestino Mikami. Com quem você teve Desenho?

AAP: Isso. Desenho mecânico e ele que já dava as aulas práticas para a gente.

MAGB: Desenho mecânico também?

AAP: Também.

MAGB: E desenho, de um modo geral, desenho, quem mais que dava aula?

AAP: Que eu me lembre eram esses que eu falei, o Zezinho que dava bastante aula teórica, né, e o Mikami que passava para a gente as aulas práticas na área. Que eu me lembre eram esses.

MAGB: O Quintal deu aula para você?

AAP: Não, não tinha aula com ele.

MAGB: Não tinha aula com ele? Matemática, Português você tinha ou não? Ou era só matéria técnica?

AAP: Tinha aulas com o Zacharias que era Matemática, tinha as aulas normais, né, de 2o. grau. Com o prof. Zacharias.

MAGB: Português, quem que dava aula?

MAGB: Repete por favor.

AAP: Português? Eu não lembro e eu gostava desse professor, eu gostava muito, mas eu não lembro o nome dele, Marlene. Vou ficar devendo para você.

MAGB: Viu Alexandre, é que, às vezes, eu não tenho, é meio complicado encontrar um professor, sabe. Aqui tem livro ponto, mas, às vezes, não tem nem as classes e tem hora que fica complicado achar as classes. Eu não sei quem seria o homem lá. Não foi o Memau, né, não?

AAP: Não. Não tive aula com o Memau.

MAGB: Homem de português eu não estou lembrada quem poderia ser, sinceramente. Eu pergunto para quem sabe, o Zé que continua na escola.

AAP: O Zacharias, prof. Zacharias ele dava aula no Senai, tive aulas com ele no Senai aqui em Limeira e na escola Trajano.

MAGB: Interessante. Bom, então, você falou um pouquinho das oficinas, o quê mais que você tem que dizer? Dos professores você lembra alguma coisa, tem algum que você achou que foi mais marcante ou não, quais as habilidades necessárias?

AAP: Eu gostava muito do Zezinho, viu. Ele também tinha uma empresa no ramo, na época, e influenciou futuramente, até a minha empresa também, porque ele tinha empresa e ele até dava estágio para alguns alunos.

MAGB: Alexandre, está cortando, tá cortando. Escuta, então, não estamos falando do mesmo Zezinho. Qual era o nome dele, você não lembra? É o Heydman? É o Zé Henrique?

AAP: A gente chamava de Zezinho e ficou assim, a gente fala assim tipo prof. Paulão, é Paulo Cesar.

MAGB: Não. O Zezinho, nós não estamos pensando na mesma pessoa. Acho que esse Zezinho eu não conheci. Não, não lembro. Não sei quem é.

AAP: Não me lembro do nome completo, mas a gente chamava sempre de Zezinho, não chamava de Paulo César, falava Paulão, né.

MAGB: O Paulo dava aula do quê?

AAP: Marlene, repete por favor.

MAGB: O Paulo dava aula do quê?

AAP: O Paulo dava aula de Resistência de materiais.

MAGB: E o Zezinho dava aula do quê?

AAP: Ele dava aula de Tecnologia e não lembro o nome da matéria dele. Acho que seja tecnologia. Ele tinha uma empresa e dava estágio para alguns alunos também. Não era meu caso eu já trabalhava, mas tinha amigos ...

MAGB: Ele dava o quê?

AAP: Estágio. Marlene, olha está cortando. Está me ouvindo bem? Sua voz.

MAGB: Ô, espera aí. Você está ouvindo, né?

AAP: Agora sim. Agora sim, agora estou.

MAGB: Então deixa eu falar para você eu vou perguntar para o Paulo quem é esse Zezinho porque não é a mesma pessoa. Eu pensei que fosse o Zé Henrique que, eu saiba, nunca teve empresa.

AAP: Eu nunca fui na empresa, eu tinha amigos que trabalhavam lá. E se perguntar o tipo de empresa, o nome da empresa, eu não saberia te falar porque eu trabalhava com desenho. Eu tinha um amigo na minha classe que se chamava Vanderlei que trabalhava junto com o Zé.

MAGB: Ah, tá. Alexandre, que habilidades você acha que precisava para fazer o curso seu e se tinha muita evasão?

AAP: Não tinha muita evasão. Nessa época, eram poucas as opções de escola, né? E não era fácil entrar também. Eu falei que fiz vestibulinho. Então, entrava quem realmente queria fazer. Como cursei uma escola técnica, um curso técnico, quem queria fazer mesmo, quem ia usar para a vida profissional. Então, não tinha evasão, era muito pouco, salvo alguém mudando de curso dentro da mesma escola, mas não tinha evasão. É diferente. Fui saber o que era evasão só depois na faculdade, né.

MAGB: Oh, tá.

AAP: Não só dentro da escola como do meu curso.

MAGB: E daí o que que você acha que seriam as habilidades? Que é necessário para fazer esse curso? E o quê fez você com ele?

AAP: As habilidades necessárias eram saber desenhar, projetar peças de máquinas, né. Isso seria o principal. Só que pra você fazer isso, para você fazer esse tipo de coisa, você tinha que saber como essas máquinas eram construídas depois. Aí que entrava a parte mecânica, de usinagem, né. Então um desenhista, um projetista, ele tem que ter noção de oficina, a parte mesmo de construção para ele poder desenhar, desenvolver essas peças. Então isso é até hoje. Eu falo que é o início, é a base para engenharia mecânica, né. Então, porque na engenharia mecânica você usa todos esses conhecimentos. Eu não fiz Engenharia mecânica, mas o meu curso era ligado, era a base para alguém profissional se formar engenheiro mecânico.

MAGB: Alguém depois seguiu? Fez faculdade com isso?

AAP: Na sequência, eu fiz faculdade, né. Eu prestei algumas vezes para engenharia, eu não consegui vaga, eu já trabalhava na área, eu já trabalhava na área então, eu não precisava do diploma de engenharia para mim continuar trabalhando, né, eu já era, já me tornei, com a experiência e tal, já me tornei projetista mecânico. Como não entrei na engenharia, resolvi fazer um curso superior de Matemática. Eu sou formado, meu curso é licenciatura em matemática, eu sou professor de matemática.

MAGB: Tá vendo!

AAP: Sou formado em ciências, habilitado em matemática.

MAGB: Ah, ah! Formado em ciências e habilitado em matemática?

AAP: Mas não vou mentir aqui. Inicialmente eu tentei entrar em engenharia mecânica. Mas, não consegui nas primeiras tentativas, né. Então eu fui fazer um curso de matemática até com o intuito de mudar, de pedir transferência. Aí voltando aquilo que eu falei, aí que aprendi o que é evasão escolar, porque no curso de Matemática eu comecei com uma turma com de mais de 100 alunos, e foram se formar 17.

MAGB: Nossa!

AAP: É. Porque muitos alunos entraram para poder pedir transferência, né. Eu tinha amigo que tinha entrado em Matemática para depois pedir transferência para Direito, não conseguiu transferência, mas fez o vestibular de novo. Tem alguns que foram para processamento de dados. Meu intuito era fazer Engenharia, mas eu acabei gostando tanto do curso, né, e eu já trabalhava na área, eu já trabalhava na área, não precisava do curso de engenharia para continuar na área e meu interesse sempre foi ter, futuramente, uma empresa - e a gente vai chegar lá, então eu fiz licenciatura, me tornei, quer dizer, nunca lectionei, me tornei professor de matemática.

MAGB: E adiantou isso aí para você?

AAP: Você só me dá, posso pedir um minuto só, por favor?

MAGB: Fale.

AAP: Marlene, peço desculpa, mas, coisa rápida, já resolvi.

MAGB: Pronto.

AAP: Voltando à pergunta.

MAGB: Voltando à pergunta aí se eu falei assim se você aprendeu alguma coisa com a Matemática. Adiantou para você alguma coisa, sim ou não?

AAP: Adiantou, adiantou. Meu trabalho, meu trabalho era, sempre foi, sempre precisou de cálculos, né. Então a base eu tive, teve início no Senai, tinha aulas, cursos de matemática mais na escola Dr. Trajano, Trajano de Barros Camargo, Trajano de Camargo, né, de novo.

MAGB: Trajano Camargo.

AAP: Trajano Camargo, tirar o Barros. E o aperfeiçoamento veio na faculdade, com as matérias técnicas, cálculo, física. Então, pra mim, embora não tenha lecionado, foi além de

ter um diploma de curso superior, foi um curso que está ligado à minha área, né. Eu fiz licenciatura porque era o curso existente se tivesse bacharelado teria feito bacharelado.

MAGB: Tá, tá e onde você fez esse aí?

AAP: Fiz na Metodista de Piracicaba, na Unimep, né.

MAGB: Que agora fechou, né.

AAP: Eu não sei se encerrou, estava bem complicado, um monte de faculdade local que tem e lá é um pouco distante.

MAGB: Você fez a licenciatura em matemática, de que ano a que ano? E a Unimep era Santa Bárbara ou Piracicaba?

AAP: Em Piracicaba mesmo. Entrei em 1990, 1990, eu entrei na Unimep e me formei no final de 1993. Quatro anos, né.

MAGB: 90, 91, 92, 93, é isso aí, 4 anos.

MAGB: Agora ó você acha que nós acabamos? Já fizemos um quadro do Trajano, você lembra alguma coisa interessante? A gente sabe de máquina, um pouquinho de laboratório, que era um curso noturno, que o seu não tinha mulher, você lembra o nome de poucos professores - aí eu vou ver se acho mais alguns professores [risos]. Do tempo seu do Trajano, você lembra alguma coisa?

AAP: Ai eu lembro que era bem corrido como eu falei, ter que estudar em Campinas, depois trabalhando já terminei em Campinas, Tinha que trabalhar durante o dia e sempre foi corrido, né lá pra poder fazer o curso era puxado, né eu volto a falar, eu não era um dos melhores alunos mas era esforçado, pelo menos me considerava assim.

MAGB: Quem era o diretor?

AAP: Desculpa, repete.

MAGB: Quem era o diretor da época?

AAP: Quem era o diretor da escola? Boa pergunta. Boa pergunta.

MAGB: [rindo] Por quem está assinado seu diploma? Quem assinou? Cadê seu diploma? Está no seu diploma.

AAP: Vamos lá. Vamos lá. Meu diploma aqui. Vamos lá. Quem é que era o diretor?

MAGB: Arnaldo.

AAP: Arnaldo Luiz de Gaspari. Tá vendo?

MAGB: Arnaldo Luiz de Gaspari.

AAP: Espera aí. Acabei de perder ponto - não lembrava o nome do diretor, não lembrava bem o nome dos professores e o nome do diretor, perco ponto. Está aqui.

MAGB: É daí você vai aí ver isso aí e vai mandar para mim.

AAP: Vou mandar sim.

MAGB: Viu Alexandre, eu tenho que fazer os anexos depois para você. O duro vai ser fazer a transcrição dessa entrevista que eu me meto muito na entrevista. Você está gostando ou não?

AAP: Tô, tô sim. Peço desculpa porque eu não consegui me preparar, tá sendo bem...

MAGB: Aí não. A professora vai dar zero. Você não se preparou.

AAP: Bem, a vida da gente é corrida não é chegar lá, mas é bem corrida. O quê a escola me deu? A escola me deu, né, uma escola que é assim como é ainda mais hoje com mais opções de escolas, mas assim eram escolas tradicionais na cidade, né. Na sequência, veio a Einstein, né, tinha um curso técnico não é junto a mim na época, mas o Trajano e o Cotil eram as preferências aqui para todos os jovens, né. porque curso técnico a gente precisava trabalhar né, precisava trabalhar. E fazer curso técnico era uma, não só uma coisa legal de fazer, mas era necessidade, né. E a cidade era industrial. Havia empresas que contratavam os profissionais das escolas. Tinha e ainda tem, tinha Freios Varga, tinha Rockwell-Fumagalli, Mastra, Mazutti, Newton. Só para citar algumas aí que contratavam esses profissionais, esses alunos tanto do Trajano, do próprio Cotil e do Senai, né.

MAGB: Hum hum aí boa. Escuta aí você disse, voltando lá na sua vida a de trabalho na empresa antes de você ter a sua, daí nós vamos partir para a sua, né, você disse que você trabalhou naquela lá da avenida Campinas e depois de lá você foi pra onde?

AAP: Aí eu fui trabalhar em Campinas. Eu morava aqui em Limeira né mas eu trabalhava. [Em] 1990, se não me engano, 1991, eu fui trabalhar, eu fui trabalhar em Campinas numa empresa chamada Massucato Indústria, que existe até hoje. Fazia usinagem de peças para a Embraer.

MAGB: Como ela se chamava? Aí não sei.

AAP: Massucato.

MAGB: Massu?

AAP: cato. M-A-S- S-U-C-A-T-O. Massucato. O sobrenome dos proprietários.

MAGB: Não, espera aí, não peguei – M-a-s-s-u depois

AAP: c-a-t-o.

MAGB: to, ah, entendi. Massucato.

AAP: t, de tatu.

MAGB: Entendi. [inaudível – superposição de falas]

AAP: A origem era espanhola, não era [inaudível].

MAGB: Ela fornecia o quê para a Embraer?

AAP: Ela usinava peças de avião.

MAGB: Ah, tá.

AAP: E ela faz isso até hoje.

MAGB: E daí você ficou quanto tempo lá?

AAP: Eu fiquei dois anos nessa empresa.

MAGB: 91, 92?

AAP: Isso. Nessa empresa eu fui pra, já era projetista na área de...

MAGB: O quê você fazia lá?

AAP: Aqui eu já me especializei em projetos de peças plásticas, né, ainda mais que tinha mecânica. Esses moldes onde são fabricadas as peças plásticas, esses moldes são moldes de aço, são máquinas novas que fabricam essas peças plásticas. Então, você tem injetora e tem esses moldes. Esses moldes são complexos. Eu já trabalhava nessa época e quando fui para a Massucato... Nessa época, a Embraer ela ainda estava em crise, em 1991, começo dos anos 90, a Massucato, a Embraer estava em crise. Ela era empresa pública.

MAGB: Estatal.

AAP: Estatal, né, e estava em crise. Eles queriam mudar, fazer um ramo alternativo, né. E eu fui trabalhar lá para montar esse ramo alternativo. E eles ficaram com esse ramo alternativo até pouco tempo atrás quando a Embraer voltou a ser, depois que privatizou a Embraer, ela foi melhorando. E eles saíram do ramo plástico essa empresa Massucato mas eu não estava lá mas ajudei a montar [inaudível]. Então saindo da Massucato, eu fui trabalhar numa empresa chamada B&M, de Campinas, não IBM.

MAGB: Pare outra vez, pare outra vez.

AAP: Ela fazia antenas parabólicas, antenas de TV, antenas de rádio, também em Campinas.

MAGB: Ó, soletra para mim, eu não conheço a empresa.

AAP: Bê, o e comercial e eme.

MAGB: Ah, tá.

AAP: Era uma empresa, líder no segmento de antenas, na época. Fazia antenas parabólicas, o carro chefe.

MAGB: Sei. Você falou para rádio e o quê mais?

AAP: E para tevê, antena para UHF. Nessa época, a tevê a cabo estava iniciando, né, então, as antenas de UHF tinham muitas partes plásticas. E eu fui trabalhar também para projetar esses moldes, essas peças, projetava essas peças e esses moldes, né.

MAGB: Escuta, você está falando de projeto o seu curso DFD era baseado em projeto? Era um curso de projeto?

AAP: Era um curso de desenho. Um projetista tem que ter base, um certo nível técnico.

MAGB: OK. Depois dessa antena parabólica aí, você foi para onde? Vai começar sua empresa ou não?

AAP: Aí sim. Em 1994, voltando a falar, eu sempre quis ter a minha empresa, já falava para meus amigos, mesmo na faculdade, então, eu me preparei para montar a minha empresa. Nessa época, tirei as férias que tive, em meados de 94, e comecei já a desenvolver. Logotipo, já tinha, fiz alguns contatos com alguns clientes que podiam comprar os meus serviços. Uma coisa que, nessa época, era muito tradicional era o ramo de engenharia civil, né, você - agora posso falar, por formação não sou engenheiro, né, mas assim era muito tradicional, você já tinha cursos e pessoas que prestavam serviços no ramo de arquitetura, de engenharia civil, plantas de casas, essas coisas, né. Os projetos mecânicos, normalmente, é assim, as empresas elas tinham todos esses profissionais, eram funcionários. Elas não terceirizavam esse tipo de serviço. E aí que entrei, né, eu queria ser um terceiro, né, que as empresas terceirizassem comigo esse tipo de projeto mecânico voltado para peças plásticas. Então, no final de 94, aí eu saí da empresa já para montar minha empresa. Eu, graças a Deus, posso falar, eu nunca fui demitido de numa empresa eu sempre saí das empresas, nunca fui demitido. Não sei se eles não queriam demitir, mas, assim, eu sempre saí por conta própria.

MAGB: Já é uma coisa boa, não é?

AAP: Eu acho que é.

MAGB: Claro.

AAP: Eu falo para meus funcionários também. Eu falo para eles procurar o que é melhor para vocês. Hoje em dia, você ficar muito tempo numa empresa como meu pai ficou, mais de 60 anos numa empresa só, não que deponha contra você, mas assim é que a pessoa precisa ter um pouquinho mais de ambição, e outra, de conhecimento que se aprende mudando de ares, né? Eu falei isso comentei isso porque eu sinto nos meus funcionários. E, então, eu resolvi mudar de ares. No final de 94, começo de 1995, eu montei uma empresa. Hoje a gente não usa mais prancheta. No final de 94, eu fiz alguns cursos. Trabalhar com AutoCAD, não era muito difundido, mas eu não entrava ainda com a prancheta nos projetos, né. E, no começo de 95, eu montei uma empresa de projetos mecânicos, empresa que eu tenho até hoje, que aumentou o segmento dela e que se chama DPA. A gente montou, ela como DPA Engenharia Mecânica, eu e um sócio que era engenheiro. Mas eu fazia os projetos e ele era engenheiro, mas quem fazia os projetos era eu.

MAGB: Chama DPA?

AAP: Oi, Marlene, repete.

MAGB: Chama DPA?

AAP: DPA Engenharia Mecânica.

MAGB: D de dado, P de pato, A de alface.

AAP: É. As letras, elas significam Desenho, Projetos e Assessoria, por isso é que se chama DPA. Não tem nada a ver com nomes de pessoas.

MAGB: O que o dê é?

AAP: Desenho, Projetos e Assessoria.

MAGB: Ah, sim, entendi.

AAP: Desenho, Projetos e Assessoria, É o que a gente fazia – desenhava, projetava e dava assistência, assessoria para as empresas.

MAGB: E aí era DPA Engenharia Mecânica? É isso?

AAP: Perfeitamente. E hoje chama DPA Indústria. Às vezes eu mesmo falo, no meu cartão mantenho DPA Engenharia Mecânica.

MAGB: Que necessidade de se tornar empreendedor? Por quê? Empreender porque, se você nunca foi demitido, sempre teve um lugar [inaudível]. Mas, quando que veio essa vontade de empreender?

AAP: Eu converso com meus amigos. Aí eles me dizem uma coisa que nem eu lembrava, que eu já falava isso quando estava no Trajano, já falava isso na faculdade e eles me lembram sempre disso, né. Eu sempre fui pra esse, foi uma coisa natural, eu queria fazer alguma coisa por conta própria, né, montar. Eu via as empresas que tinham em Limeira. Sempre quis ter a minha, ser “dono do meu nariz”, né. Eu sempre achei que era um estágio superior, um estágio mais avançado eu mesmo andar com as minhas pernas, né? Por ser um segmento, na época, não muito concorrido, diferente do ramo de engenharia civil que já tinha bastante profissional liberal que trabalhava com isso, né, para mim era um desafio.

MAGB: Bem, você está falando uma coisa aqui. Você acha que poderíamos colocar assim [inaudível]: ambição

AAP: Ambição também.

MAGB: Bom, vamos classificar o que poderia ser.

AAP: Meu conceito de ambição tem a ver só com dinheiro.

MAGB: Não, não é.

AAP: Ambição profissional. Você ter um negócio próprio não é para ter a segurança, era ... Meu pai mesmo, para você ter uma ideia, né, porque não incentivava fazer isso porque trabalhou numa empresa só e pra ele era uma coisa muito difícil. E, realmente não foi fácil – um segmento novo, não tinha experiência nem eu nem meu sócio.

MAGB: Tinha um sócio?

AAP: Isso, eu tinha sócio, né.

MAGB: Um ou mais do que um?

AAP: Um sócio. Na verdade, eu montei sozinho e em alguns meses, a gente se juntou. Ele trabalhava numa empresa do pai dele e, oferecendo um serviço para o pai dele, ele gostou e ele pediu para vir trabalhar comigo, né. Eu falei: não, não preciso de um funcionário, né, eu preciso de um ajudante, né? Como era bem no começo, 1995, então, eu montei, eu

desenvolvi o logo, eu já tinha alguns clientes e já era um amigo de infância, na época. Fui oferecer um serviço para o pai dele e acabei tirando funcionário do pai, né?

MAGB: Escuta Alexandre e isso aí sempre exige capital. O capital Inicial veio da onde?

AAP: O capital veio das minhas economias, das empresas onde eu saí, né, eu já tinha terminado a faculdade, eu tinha minhas contas em ordem, sempre fui, como se fala, bem seguro com minhas economias, né. Então, eu me preparei durante esse tempo para poder montar minha empresa, né. Comecei devagar, então o capital não foi grande, né. Comprei o tudo o que eu precisava. Comprei uma prancheta, comprei um computador, uma impressora. E começamos aí. Na época, meu pai mesmo não sendo aquele incentivador a fazer isso, ele fez um escritório para mim lá no fundo da casa da minha mãe, né. Fez um escritório para mim. Me ajudou bastante meu pai, meu pai e minha mãe também, lógico. Pai é assim, às vezes, ele é contra, mas não te bloqueia, entendeu? Ele não te poda. Ele te dá um sinal – olhe vai ser difícil, por que você está fazendo isso? Mas acabou me ajudando e sempre me ajudou.

MAGB: Bom, então daí o capital não foi muito grande e você como é que foi - os desafios que você enfrentou o quanto você realizou, o que que você está passando nesse tempo, o que está acontecendo?

AAP: Bom, o desafio foi mais aprender a trabalhar sem ter experiência. Aprender a trabalhar, não no sentido do técnico em si, mas no sentido comercial de você fazer o seu mercado, né, um mercado que não tinha muito, volto a falar, prestação de serviços de desenhos, projetos na área mecânica, era restrito às fábricas. As fábricas tinham os funcionários que faziam isso. Então, eu tinha que fazer um mercado, e aprender o meu tempo né, aprender a parte comercial. Nunca tive um tino comercial, sempre tive vontade, nunca tive um tino comercial muito apurado. E foi mais fazer isso. Mas eu confesso que era assim, eu trabalhava contente, sabe, eu trabalho, sempre gostava daquilo que fazia. Mesmo nas dificuldades, às vezes, a gente fala - Gente por que que eu fui fazer isso e tal, causa uma dificuldade, mas no geral, eu posso falar aqui - Sempre eu fiz o que eu o que eu queria, arrisquei no tempo que eu podia, né era mais novo, me preparei, quer dizer, eu acho que não tinha como dar errado, entendeu? A questão de dar errado, sempre falo pro pessoal aqui, para meus amigos, meus funcionários, dá errado uma questão de tempo que você vai ter. As coisas, elas dependem do tempo que você corta, tá. Se você está subindo uma montanha depende pro lado que você tiver que desistir, se estiver próximo do topo, estava próximo de dar certo, então, depende do tempo, da sua persistência. Você disse eu faço e como vai saber se deu errado, mas estava próximo. Entre você se dar bem, ter dificuldade e você prosperar é uma linha muito tênue. Está sempre em cima desse fio da navalha. O importante não é se você pende de um lado ou para outro, é você se equilibrar, né? Não é fácil.

MAGB: Volta essa consideração entre se dar bem e dar errado é pouca diferença.

AAP: É. Quando você não tem mais a segurança de emprego, você tem funcionários, você tem que se manter e você mesmo faz a sua clientela. Então, como é que posso falar pra você, que, às vezes, você tem mais conta do que cliente, na semana seguinte você tem mais cliente do que você consegue atender. É muito irregular. É diferente de você trabalhar e ter o dia certo para você receber, você ter suas continhas em ordem, né. Para quem começa tem que ter capital e quer prosperar, quer dar certo, quer aumentar a empresa, é mais complicado, né. Mas é via de regra é o que acontece, não é o meu caso, mas assim consulte as grandes empresas e ainda não vou conseguir, vou aumentar minha empresa e tal mas assim você vê as empresas que...[inaudível] todo mundo começou mais ou menos igual.

MAGB: Ó Alexandre, e agora como é que está a situação com essa pandemia?

AAP: Pra gente que está no ramo industrial, graças a Deus, não parou, não parou, a empresa não parou, continuou trabalhando. O segmento ele caiu um pouco, mas a gente não, diferente do comércio que afeta mais, principalmente, o comércio de ramos específicos, alimentação, entretenimento que afeta 100%. No ramo industrial você pode trabalhar. A gente tem uns problemas de afastamento de funcionários que, como a doença é séria, é um problema sério de saúde, né, como afastamento de funcionários. Agora mesmo estamos com três funcionários afastados. Mas estamos trabalhando. E a perspectiva é boa porque a gente sempre acredita que o pior já passou, pelo menos, economicamente falando, tá. Espero estar certo, né, tanto economicamente como em termos de saúde, né. Espero que tenha passado, né. A vacinação eu mesmo vacinei a semana passada. Até não vacinei antes porque até cancelei, adiei a entrevista em função disso. Não estava muito bom, não fui diagnosticado com Covid, mas eu passei umas semanas bem, bem complicadas aí. E me vacinei semana passada. Estamos trabalhando, então o mercado não está ruim não.

MAGB: Olá Alexandre qual é o seu ... acaba seu raciocínio, fala, continua falando, depois eu continuo.

AAP: Só para não deixar tudo solto, a empresa começou nesse ramo de Desenho, né, desenho, projeto e tal e com o passar do tempo a gente foi, além de desenhar, projetar, nós começamos a fabricar os equipamentos que a gente projetava para terceiro, né. Então, montamos uma sequência, montamos uma fábrica, com as máquinas, as mesmas máquinas, que aprendi mexer, hoje mais modernas, é claro, né, mas é que aprendi a mexer na escola, tanto no Senai como no Trajano. A gente foi montando essa fábrica. E a gente começou a projetar e construir esses moldes. Então, a gente passou não só a fornecer uma solução mais completa para o cliente, não só projetar os moldes, mas fornecer esses moldes. Bom é o que a gente faz ainda hoje, né. Nós construímos os moldes, projetamos e construímos. Como são moldes para fabricar peças plásticas, a gente fabrica essas peças plásticas. Então hoje a DPA Engenharia Mecânica hoje o nome correto é DPA Indústria Mecânica. Hoje está em aproximadamente 2.000 metros [quadrados] de área, com aproximadamente trinta e cinco funcionários, né, somos em três sócios, são os três irmãos, todos ligados às áreas.

MAGB: São irmãos?

AAP: Três irmãos e contando nós três, são quase quarenta pessoas trabalhando, né.

MAGB: O bom, eu, não adianta eu perguntar pra você, porque eu não vou entender que peças plásticas são essas, né, então, você projeta os moldes e constrói esses moldes e peças plásticas, não para peças plásticas. Explica direito porque eu não sou técnica. Fale.

AAP: Não, é você, o que que é...

MAGB: Volta aí. Você projetava

AAP: É mais fácil de entender, né, quando você quer gelo, você não tem aquela forminha de gelo, né? Então, se você quer o gelo você tem o molde, o molde que é aquela forma de gelo, né? Então, essa forma que é o molde, você quer gelo no final, é o objetivo final. O plástico é assim, você tem que projetar, você tem uma forma que é aço e você tem uma máquina que coloca este material derretido, essa resina plástica derretida dentro desse molde para tirar a peça. Então a peça é o seu gelo, seu cubo de gelo. Para bem simplificar.

MAGB: Bem, lá vamos ver se entendi você fazia os projetos dos moldes para peça plástica e daí você começou a fabricar essas peças plásticas e por isso você precisa de máquina.

AAP: Isso. Comecei a fabricar os moldes para as empresas que injetavam as peças plásticas, né. Primeiro, montei uma empresa de projetos, depois, uma empresa de construção de moldes, e depois eu comecei a injetar as peças com os moldes que eu fazia. Então, por exemplo, um carro, o para-choque de carro. Você tem uma ferramenta de quase 10 toneladas, exemplo, para fabricar. Então, são 10 toneladas de aço. Para fazer um molde de 10 toneladas de aço você consome 20 toneladas de aço. Você tem que estimar para depois injetar o para-choque do carro que é uma peça plástica. Então, exemplo, eu comecei desenhando para-choque de carro, depois eu parti para construir, aliás, eu desenhava o para-choque do carro, eu projetava o molde que ia fabricar o para-choque do carro, né, aí eu comecei a fabricar o molde que ia injetar, ser injetada nesse para-choque e por último hoje eu injeto para-choque, né? São peças menores, um pouco, mas então, você pode pensar em qualquer peça plástica que você tiver na sua casa desde uma tampa, um telefone celular, né. Que precisa ter todo esse processo. Então, é o que a gente faz.

MAGB: Deixa eu falar uma coisa: - eu tinha marcado essa entrevista até três e meia nós estamos passando, você já deve estar cansado, que uma entrevista na verdade deveria ser 30 minutos. Depois que eu desligar aqui eu converso mais um minutinho com você. E o quê você teria mais para dizer? O que que você tem que dizer? Que você não falou, se você gostou se não gostou.

AAP: Que a escola, a escola técnica te dá a base para você trabalhar na área, né, mas ela também abre um pouco sua mente porque um professor é um profissional liberal, né. E volto a falar, o professor é um profissional liberal, um profissional que, vai lá, de certa forma, ele é um funcionário da escola, mas ele ensina o aluno, sempre vê o professor como um cara que tem vida própria, que consegue fazer seus horários - coisa que não é bem assim, né. E as escolas técnicas antes formavam, simplesmente, funcionários para as outras empresas, né. A escola técnica começa a abrir a mente da gente - pô, porque não posso ser o dono dessa empresa se esse funcionário também estudou, se esse dono da empresa também estudou no Trajano Camargo, estudou na Unicamp. Então, o que ele teve que fazer que eu não posso fazer? Então, ele estudou, eu também estou estudando, né. Você já começa pelo básico, né. Você já começa pelo básico. Então, você vê um empresário - você fala o que esse cara fez, então, você vai ver, né, que eles fizeram Senai, fizeram Trajano, alguns, hoje é mais comum você se formar na faculdade, como meus filhos, para depois começar a trabalhar. Antes não, né? Então alguns se formaram na faculdade e depois foram trabalhar no mercado, né. E a vontade que empreender, de ter um negócio próprio. E esse foi o mote do negócio. É basicamente isso. A escola me ajudou bastante, a gente por ser adolescente talvez não tenha aproveitado tanto, né, mas ela foi fundamental, né. Eu sempre falo para os meus funcionários aqui que a escolaridade não é tudo, mas o esforço, o esforço de um funcionário que conseguiu, que chegou numa faculdade, e a gente sabe que não é fácil, né, você está sempre querendo parar, né, parar de estudar, pela dificuldade de tempo, etc., sempre falo isso aí já é um algo a mais. Alguém que conseguiu, mesmo que não seja um curso voltado para a área. Mas ele já deu um atestado de um esforço maior do que alguém que simplesmente parou antes, né, seja por qualquer motivo, né. A gente não pode: - eu tenho funcionário que não tem escola primária, tem que valorizar isso aí também. A gente que foi trabalhar, que continuou estudando, tem que ter um reconhecimento a mais, né. Não é que nasceram, deveria ter, mas enfim, já é diferenciado ainda mais, hoje em dia, com essa evasão enorme que tem, alguém que vai até o fim, pelo menos vai até a faculdade, passa por todas essas fases, segundo grau até chegar na faculdade tem que ser enaltecido. Não é fácil não, né.

MAGB: Olha, então, vamos fazer o seguinte você já falou, você já falou, fez um bonito apanhado e agora deixa eu parar aqui a gravação. Continua aí mas deixa eu parar. Nossa! Você não tem mais nada pra falar, né. Ou você tem?

AAP: Não, eu acho que...

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

Moldes plásticos

Senai

Ferramentaria

Desenho

Resistência dos materiais

Licenciatura em Matemática

Etec Trajano Camargo

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Curso de desenhista de ferramentas e dispositivos

Laboratório de mecânica bem equipado e com poucas máquinas

Valorização dos cursos técnicos

Aprender a parte comercial

Cuidado com a saúde dos funcionários

Antônio Alexandre Piccinini

Paulo Cesar Pires da Silveira

Arnaldo Luiz de Gaspari

Oficina Mecânica

Laboratório de Metalurgia

Marcenaria

Dados Biográficos do Entrevistado



Antônio Alexandre Piccinini, 2021

Antônio Alexandre Piccinini. Nasceu em 21 de agosto de 1968, em Limeira/SP. Fez Educação básica: ensino fundamental - 1^a. a 3^a. série na Escola Municipal de 1^o. Grau (isolada) da Fazenda Duas Barras (1975-1977); 4a. série na Escola Estadual de 1^o. Grau (isolada) da Estação Tatu, em Limeira (1978); 5^a. a 8^a. séries na EE.G Prof. Antônio de Queiroz, em Limeira (1979-1982); ajustador mecânico do Curso de Aprendizagem Industrial, ensino supletivo, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Luiz Varga (1983-1984), em Limeira; Curso de Especialização Profissional - ferramentaria no Senai Roberto Mange, em Campinas (1984-1985); habilitação profissional parcial de mecânica – Desenhista de Ferramentas e Dispositivos na EEPSTG Trajano Camargo, em Limeira (1984-1986); licenciatura em Matemática, Universidade Metodista de Piracicaba (1990-1993), em Piracicaba. Sempre teve o desejo de empreender, de ter o seu próprio negócio, objetivo alcançado em 1994. Os conhecimentos e habilidades aprendidas nos cursos técnicos do Senai e do Trajano Camargo, em desenho e em mecânica foram fundamentais para a sua vida profissional. Quanto a trajetória profissional, trabalhou em empresas entre os anos de 1985 e 1995: Auto Peças GF, em Limeira, fabricante de lanternas e sinaleiros para veículos; Massucato Indústria, empresa sediada em Campinas, usinagem de peças de avião para a Embraer; B&M, em Campinas, empresa produtora de antenas parabólicas, de tevê e de rádio. No final de 1994, começo de 1995, montou uma empresa de projetos mecânicos, a DPA Engenharia Mecânica – Desenhos, Projetos e Assessoria, hoje DPA Indústria Mecânica, especializada em peças plásticas injetadas, com atuação no ramo de projetos, ferramentaria e injeção e fabricante de moldes para injeção de alumínio e zamak (liga metálica de zinco, alumínio, magnésio e cobre). Ocupação atual: empresário

Dados biográficos da entrevistadora



Marlene A G Benedetti

Foto: Dugan Robbins, 2021

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti. Nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/SP. Fez Educação básica: o primário (1^a. a 4^a. série) no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo e o ginásio (5^a. a 8^a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Quanto a trajetória profissional: Foi professora de 1^o. e 2^o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Desde 2008, tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo. Faz parte do GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza.

Anexos:

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Antônio Alexandre Piccinini

Termo de Autorização para uso de Imagem de Antônio Alexandre Piccinini

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Antônio Alexandre Piccinini